

TRABALHO ESCRAVO NO BRASIL: testemunhos de vítimas

Apresentamos a seguir três relatos de vítimas de trabalho escravo no Brasil. Os primeiros dois testemunhos foram recolhidos por Francisco Alan Santos Lima - Educador Social da Comissão Pastoral da Terra (Piauí) da Campanha “De olho aberto para não virar escravo” - e o terceiro por Carolina Motoki, do programa “Escravo, nem pensar!”, da Repórter Brasil.¹

Testemunho 1 - Tudo começou com falsas promessas

“Tudo começou com falsas promessas e muita necessidade, e como Monsenhor Gil [município do Estado do Piauí] não tinha muitas oportunidades principalmente pra quem não tem estudo foi fácil levar pessoas para trabalhar fora da nossa cidade de origem.

Eu saí com muitos sonhos pois o empreiteiro que nos levou prometeu mundos e fundos e como eu tinha o sonho de crescer na vida e ajudar a minha família cá nessa roubada, eu e mais dois irmãos e outros amigos.

Quando chegamos lá umas 5hs da tarde, ficamos na casa do gato e quando foi as 5:30hs fomos levados para a fazenda Rio Tigre na faixa de uns 15km da vila Madi. Chegando na fazenda fomos cortar pau para fazer um barraco e cobrir com lona e lá já tinha uma cantina com tudo pra nós pegar e nós não sabíamos que tinha que pagar no fim do mês, então entramos na cantina com vontade tudo que precisava nós pegava e o cantineiro só anotava num caderno.

A rotina lá era pesada levantávamos às 6hs da manhã uma pausa para o almoço de poucos minutos e voltávamos novamente para o roço

¹ O terceiro depoimento, “Saiu da escravidão, ‘nasceu’ de novo, e hoje vive a vida”, foi publicado nos sites: <http://www.reporterbrasil.org.br> e <http://desinformemonos.org/>. Agradecemos os responsáveis dos sites por ter autorizado a publicação na REMHU.

finalizavamos às 5hs da tarde, daí seguimos pro barraco fazer o rango que era feito com água de um córrego que o gado bebia, fazia suas necessidades e isso era a rotina de todo dia, sem contar que no final do mês nosso pagamento ficava para pagar a dívida na cantina, não ficava nada comigo nem mesmo para mandar para a família.

Nesta situação um trabalhador fez a denúncia para a Comissão Pastoral da Terra que encaminhou para a polícia, fomos libertos e salvos pela Polícia Federal. Neste dia estávamos na roça e só tava no barraco Cuca um trabalhador onde ele disse para nós: pessoal a polícia bateu aí, disse que vai levar nós para fora da fazenda pois não estamos trabalhando de forma digna. Nisto antes o gato nós ameaçou dizendo que era melhor sairmos antes da polícia chegar, mas nós não saímos, ficamos com medo de morrer, enfim a polícia nos levou embora pra Santana do Araguaia onde o pessoal do ministério do trabalho ajeitou nossas carteiras, onde muitos não tinham, ficamos hospedados num hotel, recebemos nosso dinheiro mas ficamos com medo de morrer.

Então fretaram um ônibus e saímos na madrugada escondidos com muito medo de não chegar em Monsenhor Gil. Chegando em nossa cidade começou a nossa luta e organização junto à CPT para a gente se sustentar sem deixar nossa cidade novamente. Hoje temos nossa terra onde cultivamos nossos produtos, minha casinha já está pronta. A única coisa que falta pra melhorar é a água que ainda estamos lutando para conseguir” (Francinaldo Sousa do Nascimento - Município: Monsenhor Gil - PI - Assentamento Nova Conquista).

Testemunho 2 - A vida de um migrante

“Como aconteceu? Foi assim! Vendo alguns amigos que chegaram de viagens de trabalho fora e comprando coisas e falando que lá era ruim mas dava para suportar já começava a mexer com quem estava suportando tudo e não ganhando nada. Outra situação era a notícia do manhoso gato na rádio que falava: ‘È tal dia quem quiser ir trabalhar fora vem comigo será bom você vai ganhar bem e se ajeitar na vida’.

Vivendo um período de necessidade com minha família resolvi segurar essa oportunidade. Em 2007, saí da minha cidade Monsenhor Gil com um amigo rumo a São Paulo, com lágrimas nos olhos e uma fé no coração de quem iria retornar com uma condição financeira bem mais estabelecida.

Chegando em São Paulo, na cidade de Miguelopolis, não demorou muito comecei a trabalhar no corte de cana, mas entreguei a carteira para a

usina na qual recebi de volta com uma decepção “contrato indeterminado”, não tinha a menor ideia de quando eu iria voltar para casa.

O serviço era o seguinte: começava às 7hs e se seguia por quase todo o dia com parada de 10min, era muito exaustivo podia estar fazendo sol ou chuva não podia parar. O trabalho era visto de perto por fiscais e do gato, a produção tinha uma meta que cada trabalhador teria que cortar. Sintomas de dor de cabeça ou barriga não era desculpa para deixar o trabalho parado.

Quando retornávamos para o barraco, que era alugado, já à noite o ritmo continuava: tinha que lavar toda a roupa utilizada durante o trabalho e depois fazer a comida para a janta. Quando terminava esse processo já era umas 0:00hs, descansávamos até às 3:00hs da madrugada quando começava tudo de novo.

Quando a empresa deu férias para visitar nossa família no fim da safra, eu e mais 8 amigos decidimos ir à Delegacia Regional do Trabalho e entregar nossas carteiras para dar baixa e receber nossos direitos. O direito que recebemos foi de justa causa, abandono de serviço e não ganhamos nada. Muitos outros companheiros voltaram para São Paulo, eu fiquei na minha cidade e me juntei com o grupo de trabalhadores que foram escravizados no Pará.

Hoje estou assentado junto com meus companheiros no Assentamento Nova Conquista e lutando junto com eles por políticas públicas básicas para viver com dignidade junto principalmente com minha família” (Francisco José dos Santos Oliveira - Presidente da Associação do Assentamento Nova Conquista - Monsenhor Gil - PI).

Testemunho 3 - Saiu da escravidão, “nasceu” de novo, e hoje “vive a vida”

Meu nome é Valdeni, nasci em Colinas, norte do estado do Tocantins. Só tive mãe. Não conheci meu pai. Tenho oito irmãos. Morei na terra de um padraço durante um bom tempo, até chegar uma idade de 18 a 20 anos. Então, aconteceu que minha mãe teve que separar. A gente não tinha pra onde ir e teve que ir pra um bairro da cidade, construir barracão de palha e morar lá. Não tinha estudo, então comecei a trabalhar na juquirá [“limpeza” de terreno para a formação de pastagem para a pecuária] pra poder manter a despesa da cidade, pois não tinha mais onde plantar. Os “gatos” [aliciadores de trabalhadores] vinham, contratavam a gente, abonavam, levavam pra trabalhar e a gente ia fazer roçado ou serviço que

fosse combinado. Fiquei impossibilitado de ter algum conhecimento, nem de direito, nem de autoridade.

Roei muita jujuira, me desgastei, senti que não aguentava mais fazer o serviço adequado que os fazendeiros exigiam. Os patrões eram muito durões. Se não aguentasse trabalhar da forma que eles exigiam, então era dispensado e terminava ou trabalhando sujeito sem aguentar ou tinha que passar fome, necessidade. Eu fui trabalhar uma certa vez para um fazendeiro. Depois que eu tinha feito todo o serviço, me pagou menos da metade do prometido, ainda cobrando as passagens de ida e volta. E disse que não pagava mais porque eu já tinha ganhado muito, e que não adiantaria eu ir procurar Justiça ou advogado porque advogado não ia advogar pra gente pobre. Não tinha conhecimento dos meus direitos, recebi o pouco que ele quis pagar e fiquei quieto. Minha esposa teve uma perca [aborto], então eu fui conversar com ele que queria um tempo pra cuidar dela. Ele virou pra mim e disse que vaca velha com aftosa não segurava cria.

Eu simplesmente ficava calado. Sentia um pouco de raiva, mas não poderia fazer nada. Também tinha medo de falar mais sério pra ele. Falava algumas vezes pra gente que peão era do jeito dele. Então, devido não ter conhecimento, terminava me humilhando e ficando quieto. Assim não foi só pra um, mas pra vários fazendeiros. Fui muito, muito escravizado na época. Mas eu não sabia. Pra mim viver naquele tipo era a maneira que tinha que viver mesmo. Não tinha noção do trabalho escravo. Pra mim, era normal viver aquilo.

Naquele tempo, eu bebia muito. Sempre que ia receber as prestações de conta, eu ia bêbado. Eu sempre devia, eu nunca tinha saldo. Devido eu ter sido criado naquele regimento dos pais - ó, meu filho, a gente tem que ser homem, tem que pagar o que deve, não pode sujar o nome -, achava que a pinga pra mim poderia ser uma derrota, mas nem tanto como meu nome sujo. Minha preocupação era pagar as contas e partir de uma fazenda pra outra. Na época, pra mim era o normal. Eles estão me devendo um bom dinheiro, não é? Se for juntar tudinho que eles tiraram de mim...

Eu estava com 32 anos, eu casei. Minha esposa teve três percas. Na última, teve que operar. Foi na época que aconteceu esse fato com aquele fazendeiro, ele tratou ela como vaca. E, daí por diante, eu decidi não trabalhar mais pra fazendeiro.

Comecei a procurar outra maneira de viver: fazer salgado, vender pipoca, depois vender picolé... Em final de 2007, ingressei numa construção civil lá em Colinas (TO), trabalhando de servente. O meu interesse era

aprender a ser um pedreiro pra exercer uma profissão melhor. Trabalhei seis meses nessa construção, o patrão não quis assinar minha carteira. Num certo dia, carregando umas vigas de cimento, me baqueei muito. Foi no sábado, não aguentei de dor, não aguentei ir trabalhar. Feriu meu ombro. Eu fiquei debilitado. Fui na parte da tarde pra receber. O patrão ficou bravo um pouco, expliquei pra ele porque num pude ir. Foi quando ele falou umas coisas, como se eu fosse um cabra mole: se eu não aguentava trabalhar, eu tinha que procurar outro rumo. E fez o pagamento pra mim. Eu recebi e dali eu voltei pra casa assim com uma mente já virada pra procurar outro rumo.

Aí, por último agora, em 2008, a gente descobriu o assentamento Santo Antonio do Bom Sossego, terra pública da União. Foi criado em 2003, teve a portaria do Incra, pra 19 famílias. O Incra fez uma negociação estranha tirando dez famílias para dividir esses lotes entre três dos grileiros. Os grileiros alegam que pagaram pra eles regularizando no nome deles.

Eu já tinha sido informado desse assentamento pelos vizinhos, só que era perigoso. Mas tinha oportunidade, lotes vagos. Falei pra minha esposa: olha, não vou trabalhar mais pra ninguém daqui em diante. Vou observar essas posses, porque se a gente conseguir um chão pra gente trabalhar, eu não aguento mais trabalhar pros outros. Vou procurar uma maneira da gente viver por conta, mais livre, procurar viver aquela maneira que eu fui criado.

Eu fui com um vizinho, observamos o assentamento, agradei da terra, onde estou hoje. Eu reconheci que já tinha sido um local onde trabalhei sendo vítima do trabalho escravo. Cheguei a trabalhar lá pra esse fazendeiro, esse grileiro. Naquele mesmo local. Conheci pela cancela, conheci pela estrada velha, pelo local que a gente tinha trabalhado. Inclusive até hoje aquele trabalho ele nunca pagou pra gente. Estou recebendo agora que vou receber a terra. Lá foi roço de juquirá e bater veneno. Eu conheci e disse: já tive nesse local aqui, moço. Já trabalhei aqui! Essas posses são aqui? Então, nós vamos enfrentar de verdade! Se precisar correr uma hora, a gente corre. Se precisar enfrentar, nós vamos ter que enfrentar. Já trabalhei lá mesmo, já tem suor meu derramado, eu vou enfrentar isso.

Daí por diante começaram as ameaças, eu continuei lá com os companheiros. De repente, eles perceberam que a gente também ia conversando, que a gente não queria abrir mão, e fomos nos fortalecendo no local. E individualmente cada quem foi fazendo plantio: uma mandioca, milho, subsistência. A gente foi plantando roça e isso foi crescendo com agressões.

Dentro desse período mais pra trás a gente teve conhecimento de acompanhamento da CPT, na pessoa do Silvano [Lima Rezende]. Teve mais o conhecimento da luta pela terra. Então, isso foi nos fortalecendo a lutar pelo nosso direito, porque a gente tinha certeza de que tinha esse direito. Era nosso direito lutar. Que não era errado lutar por aquilo porque era uma terra pública, considerada terra do governo e terra do governo é pra ser destinada pra reforma agrária, pra pessoas que não têm condições, trabalhadores. A gente foi tomando conhecimento dos direitos da gente.

Quando foi agosto do ano passado, a gente foi surpreendido por esse grileiro. Chegou armado, espingarda nas costas, revólver na cintura, sozinho, montado a cavalo. Falei pra ele o seguinte: você sabe que a gente está esperando essa decisão judicial, que o Incra ou a Justiça resolva o problema. Ele referiu pra mim que mesmo que o Incra desse direito pra nós, eu não ia morar naquela parcela, porque a qualquer momento minha boca poderia amanhecer cheia de formiga. Tranquilo, eu só nasci uma vez e com certeza eu vou morrer, mas tem uma coisa: desistir do meu direito que eu já tenho conhecimento eu não vou desistir.

A gente vê porque eles são tão justiceiros, querem ser acima de tudo, porque eles não são punidos pelos seus atos. Por isso que eles continuam dessa maneira. Porque as autoridades não têm tomado suas providências para averiguar essas situações dando direito ao trabalhador, à trabalhadora, ou seja, ao cidadão. A gente vê que as autoridades são muito lentas e terminam dando oportunidade para que aconteçam atos como muitos assassinatos de famílias de trabalhadores. Porque os ricos, os fazendeiros, os que dizem fazer justiça com as próprias mãos, não têm punição.

A área hoje encontra-se num conflito feio. As famílias encontram-se amedrontadas porque tem vários pistoleiros dentro da área. São vários disparos de arma, várias queimas de barraco, vários prejuízos, várias perseguições. As crianças todas sofrem terrores, são atemorizadas, porque constantemente são assustadas com disparo de armas. E eles andam bem armados. Então, a gente fica lá protegido somente por deus.

A gente vive lá sabendo que tem o direito de viver, mas correndo risco de vida. A gente tem muito medo, a gente teme pela vida da família. Algumas vezes, dependendo do acontecido, a gente pensa em desistir e voltar pra cidade, porque não tem aonde ir. A gente pensa duas vezes porque voltar pra cidade é voltar pra juquira, voltar pras mãos dos fazendeiros novamente. É voltar pras mãos da escravidão, do trabalho escravo. Então a gente pensa em não desistir, a gente volta atrás, porque lá é onde a gente consegue criar, plantar e colher e sobreviver.

A luta pela terra pra mim hoje é um direito do trabalhador. Direito de dignidade, direito de viver, de trabalhar e também da libertação, ser liberto do trabalho escravo, viver uma vida digna, poder plantar, colher, sobreviver, sem precisar de estar sendo obrigado, sendo mandado, sendo gritado, trabalhando sem poder.

Hoje eu tenho meu paiol de arroz, tenho meu paiol de feijão, tenho minha criação de galinha. Hoje, a gente já vive 90% independente da cidade. Hoje, só depende do açúcar, do café, do óleo e outros temperos, outras coisas mínimas. Mas, numa linguagem sertaneja, o grosso da roça a gente já tem no paiol. Isso sem nenhum apoio do governo, simplesmente com o esforço da gente, esforço que a gente mesmo trabalha. Mesmo com todas as ameaças.

Apesar de ser vítima de um alvo perigoso de morte, eu considero minha vida melhor porque eu trabalho à vontade. Conforme a minha necessidade, eu tenho pra comer à vontade, tenho com sobra, com fartura. O dia que não posso trabalhar porque estou sentindo uma dor de cabeça, hoje minha coluna está zangada, eu posso ficar em casa. Tenho o que comer em casa, tenho o que beber em casa. Não preciso me preocupar que tenho que pagar o armazém, o armazém não quer mais me vender, ou o arroz está acabando tem que ir comprar. Não me preocupo com esta parte. Então eu tenho achado grande mudança na minha vida. Apesar de todo conflito, tenho achado grande melhoria.

O Valdeni realmente foi um personagem que antes era uma figura, ou seja, um desenho, e hoje se tornou realidade. Porque antes ele passava pela vida. Hoje, o Valdeni vive a vida. Hoje, tem um conhecimento mais amplo. Hoje, já tem o conhecimento do que é viver a vida, que a vida não é só passar por ela. A vida foi feita pra viver, com liberdade, com direitos. A vida foi feita pra viver ela disponibilmente, ter seu direito de viver tranquilo. A vida não foi feita pra viver escravizado. Porque, segundo as escrituras, a vida é uma dívida de deus. A vida foi dada por deus e deus deu a vida de graça. Então, se ela foi dada de graça, é pra viver em liberdade.

Eu posso contar como um novo nascimento a partir primeiro da minha cura, da minha libertação: deus me libertou. Tive esse novo nascimento, acompanhado depois que tive conhecimento dos meus direitos. Eu fui conhecedor que tinha direito de viver tranquilo, meu direito de trabalhar pra viver, viver igualmente qualquer outro cidadão. Eu tinha esse direito. A vida não era normal viver daquela maneira. É um pouco assim.